



+ Região

Diretor  
Raul Tavares

Semanário  
Região de Setúbal

Edição n.º 1081  
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O  
Expresso

Sábado  
09 maio  
2020

# sem mais

## Doentes curam doentes no lar Cristo-Rei

As autoridades de saúde decidiram isolar cerca de trinta doentes, entre funcionários e idosos, do Lar Cristo-Rei, no Monte Caparica, infetados com a Covid-19. Uns trataram dos outros. Estão todos curados.



### Reportagem com os asiáticos do Montijo

São algumas centenas e oriundos de múltiplas nacionalidades asiáticas. A maioria está integrada. Fazemos um retrato de uma comunidade ainda muito fechada

Pág. 8



### Pescas da região resistem à pandemia

A crise da Covid-19 trouxe aspetos positivos à atividade piscatória da região, nomeadamente as transações online. A lota de Sesimbra cresceu nas vendas e no número de comerciantes

Pág. 12



### Municípios com abertura a contagos

A maior parte dos municípios do distrito estão a ter grandes cautelas neste período de desconfinamento. A ordem é seguir as recomendações das autoridades

Pág. 4

DIGITAL

# sem mais

Somos informação segura e confirmada.  
OBRIGADO PELA CONFIANÇA

EXPERIÊNCIA SANITÁRIA COM SUCESSO NO LAR CRISTO-REI, EM ALMADA

# Funcionários com Covid trataram idosos infetados

Um grupo de funcionários e idosos infetados no Lar Cristo-Rei, em Almada, foram isolados e os primeiros cuidaram dos segundos. Foi uma experiência única. Estão todos curados.

TEXTO: RAUL TAVARES FOTOGRAFIA: DR



**FORAM OS PROFISSIONAIS** de saúde e cuidadores infetados com Covid-19 que cuidaram dos idosos infetados pela doença no Lar Cristo-Rei, no Monte de Caparica, em Almada.

A experiência foi determinada pelas autoridades de saúde, uma vez que após a testagem ocorrida a 15 de abril verificou-se um elevado número de casos entre funcionários e idosos - mais de trinta - e que o lar, de cariz ilegal, tinha instalações com condições para isolar todos os doentes.

A situação, com final feliz, foi confirmada ao Semmais por uma fonte da Delegação Regional de Saúde Lisboa e Vale do Tejo (DRGLVT), e pela presidente da Câmara de Almada, Inês de Medeiros. “As autoridades de saúde perceberam que era possível criar condições para que todos os doentes permanecessem juntos num local isolado, evitando deslocalização dos infetados. E ao fim de quinze dias já não havia nenhum positivo”, disse autarca.

Segundo a avaliação das autoridades de saúde, com o apoio da proteção civil do município, chegou-se à conclusão que as instalações dispunham de dois andares e uns anexos que permitiam criar espaços de isolamento para funcionários infetados, mas sem sintomas, que continuaram a trabalhar e a dar apoio aos idosos que tinham sido igualmente diagnosticados com o vírus.

“Foi uma decisão de risco, mas que correu muito bem, porque todos os outros funcionários e idosos sem a Covid-19 ficaram sem qualquer contacto com esse grupo de mais de trinta pessoas”, afirmou a fonte da DRSLVT.

## TESTES EVITARAM AUMENTO DE CONTÁGIO MAIS FORTE

Na altura, no epicentro da pandemia, acresceu um outro problema, a que todas as entidades tiveram que fechar os olhos, perante a crise sanitária, já que o lar

é considerado ilegal, embora, segundo o Semmais apurou, estará a tramitar procedimentos para a regularização da situação junto da Segurança Social. A presidente do município almadense não quis fazer comentários sobre a situação, mas admitiu a existência de muitos lares e residências para idosos nesta situação, “em Almada e em alguns outros concelhos da região”.

Por outro lado, Inês de Medeiros faz notar a importância de as autoridades de saúde terem avançado com testes em lares onde foram registados casos suspeitos. “Foi uma forma de evitar outros contágios e situações que poderiam ser bem mais graves”, afirmou.

Quando eclodiram os primeiros casos neste lar, que começou com um primeiro idoso, obrigado a dirigir-se ao Hospital Garcia de Orta, onde lhe foi diagnosticada a doença, a diretora técnica do Lar Cristo-Rei, Cláudia Louvado - com quem o Semmais não conseguiu falar - queixava-se à agência

Lusa da escassez de pessoal para cuidar dos utentes e também de material de proteção. Na altura, já eram conhecidos quinze idosos e quatro profissionais infetados.

O Lar Cristo-Rei conta com 57 utentes e 23 funcionários, todos testados desde abril, e apesar do seu cariz ilegal, é muito conhecido no concelho.

## PROGRAMA DE TESTAGEM A LARES JÁ CHEGOU A 400 FUNCIONÁRIOS

Só na última semana o concelho de Almada testou mais de 400 funcionários e na próxima terça-feira serão realizados outros 250 testes, que deverão chegar a lares privados de cariz ilegal. Às duas equipas do município vão juntar-se duas outras equipas do ACES - Arco Ribeirinho, o que aumenta a capacidade operacional no terreno. Os grandes lares, como os da Misericórdia de Almada ou do Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro, já foram alvo desta operação. ■

## Casos nas empresas de carne pode aumentar

A unidade de processamento de carnes da Raporal foi atingida por um surto de Covid-19, e há também, alguns casos nas vizinhas Carmonti e Izidoro, que ainda não testaram funcionários.

TEXTO RAUL TAVARES IMAGEM DR

**OS TRINTA E NOVE** casos de infeção pela Covid-19 registados na unidade de processamento de carnes da Raporal, no Montijo, declarados ontem, podem ser apenas uma ponta do surto da doença no setor das carnes instalado naquele concelho.

Esta explosão de casos na Raporal ficou a dever-se à decisão de testar cerca de uma centena de funcionários da unidade a que pertencem os primeiros oito doentes infetados com o vírus. “Considerou-se ser a melhor opção, embora não nos tivesse sido imposto”, disse ao Semmais António Almeida, responsável de comunicação da empresa.

A situação, que está a ser acompanhada com muita preocupação pelas au-

toridades de saúde, tem outros focos da Covid-19 nas empresas vizinhas da Carmonti e da Izidoro, do mesmo ramo, mas estas não optaram pela testagem dos funcionários, por serem ainda casos residuais.

Acresce que, segundo o Semmais apurou junto de alguns trabalhadores do setor, “há muitos casais que trabalham numa e noutra empresa do ramo no Montijo - o marido numa e a mulher noutra”, o que pode explicar haver casos nas três empresas.

Da parte do ACES - Arco Ribeirinho, a monitorização está a ser levada a sério, embora com dimensões distintas. “O que posso garantir é que avaliámos e identificamos as situações no território e de-

terminámos o melhor para cada caso, em termos da imposição de medidas”, explicou Lina Guarda, daquele agrupamento de centros de saúde.

## CASOS POSITIVOS APANHARAM AS AUTORIDADES DE SURPRESA

A responsável, que confessou “ter sido apanhada de surpresa”, afirmou ainda que a maior preocupação nestas situações é identificar o foco e “fazer de tudo para que não haja propagação” de contágios. “A nossa ação depende muito da evolução das situações, adequando medidas caso a caso e dependentes das circunstâncias”, acrescentou.

De todo o modo, para já, ao que o Semmais apurou, tanto a Raporal como

as duas outras empresas em causa, aumentaram os níveis de prevenção, no âmbito dos planos de contingência sanitária e de acordo com as orientações das autoridades.

Na Raporal há ainda cerca de três dezenas de funcionários em isolamento profilático, pertencentes à unidade de processamento de carnes. As fontes do Semmais garantem que na Carmonti e na Izidoro há também trabalhadores em quarentena.

Recorde-se que o surto de infeção terá tido origem em um funcionário que antes de chegar ao trabalho sentiu-se com sintomas ligados à Covid-19, tendo decidido dirigir-se ao hospital, onde lhe foi diagnosticada a doença. ■

ANÁLISE AOS NÚMEROS DO IMPACTO NO DISTRITO

# Os dados da pandemia na região

O investigador social Paulo Lourenço atualizou para o Semmais o retrato da pandemia na região, e situou o distrito no plano nacional. É uma leitura de números e uma perspetiva de análise

TEXTO PAULO LOURENÇO

**A COMPARAÇÃO** da evolução epidemiológica dos dados do vírus COVID-19, deverá ter como princípio básico, “comparar o que é comparável”, sob pena de serem obtidas análises de risco que poderão implicar voltar atrás na implementação das medidas do Plano de Desconfinamento aprovado no passado dia 30 de abril

Não menos importante na análise da maior crise provocada por um vírus, consiste na avaliação da estratégia de comunicação que tem sido utilizada pela comunicação social aos dados da DGS, e o impacto que esta poderá produzir na população e nos atores responsáveis pela implementação das medidas destinadas a reduzir os riscos da pandemia do COVID-19, sendo que, os efeitos serão diferentes se for dada ênfase ao n.º de mortes ou valorizar-se o esforço do SNS, destacando o n.º de casos recuperados sobre o n.º de casos confirmados.

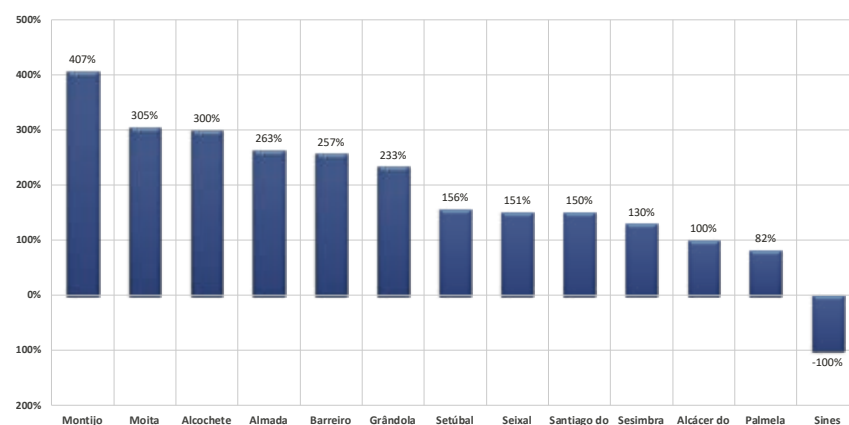
A análise comparativa dos dados, torna-se de maior utilidade quando são utilizados indicadores demográficos que permitem obter a caracterização da população de um dado território. Com efeito, a comparação da evolução do COVID-19

na região de Setúbal, seria de grande utilidade através da caracterização dos casos confirmados por grupo etário e sexo, dados estes que não são apresentados ao nível dos concelhos nos relatórios de ponto de situação diários da DGS.

A Resolução do Conselho de Ministros que aprovou a nível nacional a estratégia gradual de levantamento de medidas de confinamento no âmbito do combate à pandemia da doença COVID-19, ao definir o calendário de 15 dias entre cada fase de desconfinamento para que sejam avaliados os impactos das medidas na evolução da pandemia, implica a necessidade, de ser analisado em cada concelho a evolução da situação epidemiológica.

Acresce à análise, a importância da avaliação regular dos impactos das medidas específicas e mais restritivas, implementadas em diferentes datas durante os meses de março e abril, através dos Planos Distritais de Emergência de Proteção Civil, tendo o Distrito de Setúbal sido dos últimos territórios a ativar o Plano. É referido ainda na Resolução, um conjunto de critérios epidemiológicos que sustentam as medidas, tendo em conta a evolução

Distrito de Setúbal, evolução n.º número de casos confirmados COVID19



do risco de transmissibilidade do vírus e a estabilização do número de hospitalizações durante um período em análise, complementada com as capacidades adequadas de monitorização, incluindo a capacidade de testagem para detetar e isolar rapidamente as pessoas infetadas.

Com base nestes pressupostos, não obstante os relatórios diários da DGS de ponto de situação dos casos confirmados do COVID-19, só apresentarem ao nível do concelho o indicador “casos confirmados”, existindo a nível nacional outros indicadores (risco de transmissibilidade, número de testes realizados vs casos positivos, percentagem de casos positivos em relação aos testes realizados, n.º de casos internados, número de internados em UCI, evolução diária dos óbitos, recuperados e capacidade de testagem) dificulta-se a análise comparativa ao nível dos concelhos e Distritos com os indicadores nacionais.

À data de 8 de maio o Distrito de Setúbal registava 881 casos, verificando-se no concelho de Almada o número mais elevado (258) e no concelho de Sines o mais baixo (0) casos.

A variação do aumento em % do n.º de casos no distrito de Setúbal é da ordem dos 218% (604 casos). Apesar do concelho de Almada apresentar em termos absolutos o maior número de casos (187), destaca-se o concelho do Montijo com maior variação (407%). Consta-se que são os concelhos com maior proximidade à AML a norte do Tejo (Almada, Alcochete, Barreiro, Montijo e Moita) correspondem aos que apresentam as maiores variações de casos confirmados, com exceção do concelho de Grândola. Decorridos 39 dias de implementação das medidas do Plano de Emergência Distrital de Setúbal, assistindo-se a um aumento diário do n.º de casos na maioria dos concelhos, apesar da tendência linear sugerir a redução do n.º de casos, sustentar uma conclusão positiva, ou negativa sobre o impacto das medidas, não existindo comparação com outros indicadores admite-se que seja prematura.

O facto do Distrito de Setúbal se enquadrar nos territórios que implementaram mais tarde os Planos Distritais de Emergência, tendo-se iniciado recentemente a realização de testes nos Lares de Idosos, não sendo ainda conhecidos ao nível dos concelhos outros indicadores, com especial incidência a evolução do risco de transmissibilidade do vírus e o n.º de óbitos, a implementação no Distrito de Setúbal das medidas do Plano de Desconfinamento, colocando-o ao mesmo nível de outros Distritos na análise de risco, dada a discussão da possibilidade de existir uma 2ª vaga do COVID-19 nos países que apresentaram entre janeiro e fevereiro a maior evolução de casos confirmados e n.º de mortes, poderá comprometer a curto prazo o impacto ao nível dos concelhos das medidas específicas e mais restritivas dos Planos de Emergência.

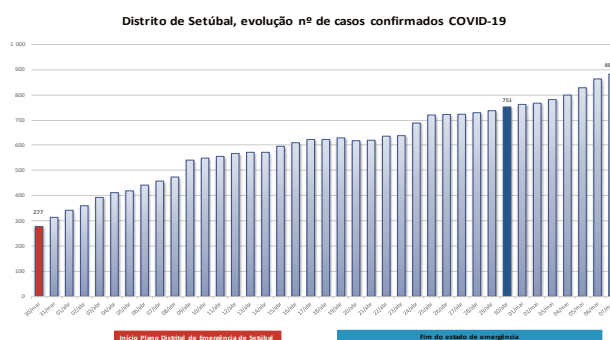
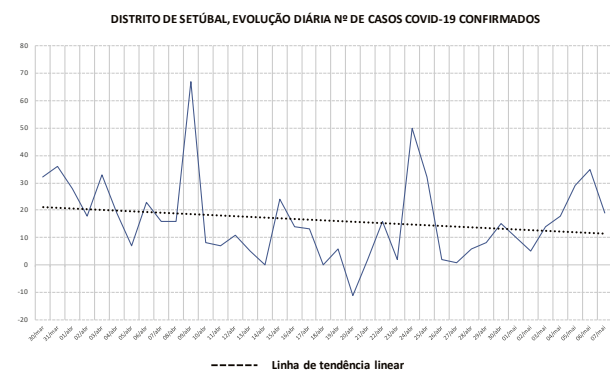
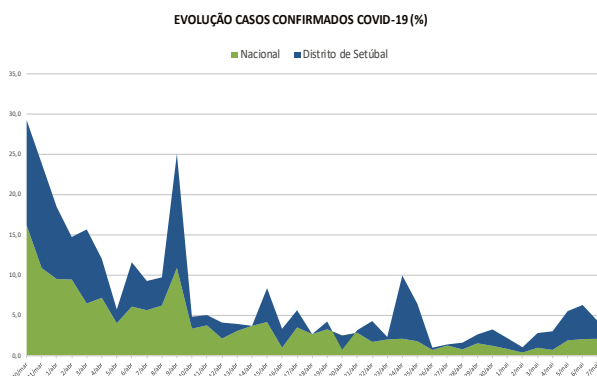
Com base nestes pressupostos, não obstante os relatórios diários da DGS de ponto de situação dos casos confirmados do COVID-19, só apresentarem ao nível do concelho o indicador “casos confirmados”, existindo a nível nacional outros indica-

dores (risco de transmissibilidade, número de testes realizados vs casos positivos, percentagem de casos positivos em relação aos testes realizados, n.º de casos internados, número de internados em UCI, evolução diária dos óbitos, recuperados e capacidade de testagem) dificulta-se a análise comparativa ao nível dos concelhos e Distritos com os indicadores nacionais.

À data de 8 de maio o Distrito de Setúbal registava 881 casos, verificando-se no concelho de Almada o número mais elevado (258) e no concelho de Sines o mais baixo (0) casos.

A variação do aumento em % do n.º de casos no distrito de Setúbal é da ordem dos 218% (604 casos). Apesar do concelho de Almada apresentar em termos absolutos o maior número de casos (187), destaca-se o concelho do Montijo com maior variação (407%). Consta-se que são os concelhos com maior proximidade à AML a norte do Tejo (Almada, Alcochete, Barreiro, Montijo e Moita) correspondem aos que apresentam as maiores variações de casos confirmados, com exceção do concelho de Grândola. Decorridos 39 dias de implementação das medidas do Plano de Emergência Distrital de Setúbal, assistindo-se a um aumento diário do n.º de casos na maioria dos concelhos, apesar da tendência linear sugerir a redução do n.º de casos, sustentar uma conclusão positiva, ou negativa sobre o impacto das medidas, não existindo comparação com outros indicadores admite-se que seja prematura.

O facto do Distrito de Setúbal se enquadrar nos territórios que implementaram mais tarde os Planos Distritais de Emergência, tendo-se iniciado recentemente a realização de testes nos Lares de Idosos, não sendo ainda conhecidos ao nível dos concelhos outros indicadores, com especial incidência a evolução do risco de transmissibilidade do vírus e o n.º de óbitos, a implementação no Distrito de Setúbal das medidas do Plano de Desconfinamento, colocando-o ao mesmo nível de outros Distritos na análise de risco, dada a discussão da possibilidade de existir uma 2ª vaga do COVID-19 nos países que apresentaram entre janeiro e fevereiro a maior evolução de casos confirmados e n.º de mortes, poderá comprometer a curto prazo o impacto ao nível dos concelhos das medidas específicas e mais restritivas dos Planos de Emergência.



MUNICÍPIOS SEGUEM RECOMENDAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

# Abertura a conta-gotas

O 'Cautelas e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém', diz a sabedoria popular, e é com esse espírito que os autarcas da península encaram o aligeirar das medidas de confinamento.

TEXTO PATRÍCIA BRITO IMAGEM DR



Autarquias preparam a abertura dos serviços, seguindo as orientações do Governo

**EMBORA** alguns concelhos o número de casos continue a aumentar, não há situações alarmantes e impõe-se a retoma da economia, “seguindo as regras e as recomendações”. É o que acontece em Almada onde “o aumento do número de testes realizados se traduziu naturalmente na identificação de mais casos positivos, o que não quer dizer que representem casos graves. Na verdade, temos registado uma baixa do número de internados e, em particular, dos internados em cuidados intensivos, o que acreditamos serem indicadores claros e positivos”, esclarece ao Semmais a presidente da câmara.

Segundo Inês de Medeiros, as alterações que estão a ser implementadas, decorrem do que está previsto no De-

creto-Lei do Governo datado de 1 de maio que altera as medidas excecionais e temporárias relativas à pandemia da doença Covid-19: “Começamos a assistir à abertura do comércio local, essencial para a retoma da economia, e os almadenses têm cumprido as regras”. No que respeita à reabertura dos serviços públicos, a presidente frisa que alguns dos serviços de atendimento nunca encerraram em Almada, necessitando apenas de marcação antecipada, o que continuará a acontecer: “Estamos agora a trabalhar para garantir a abertura, com toda a segurança, de outros equipamentos de acordo com o plano do Governo e, paralelamente, mantemos ativo o Plano Municipal de Emergência, de forma a centralizar a coordenação das oper-

ações. Decidimos igualmente manter encerrados, para já, os parques infantis e os equipamentos desportivos”.

Política idêntica segue o município de Sesimbra que se prepara para reabrir, a partir de dia 11 deste mês, alguns serviços municipais (com marcação prévia), as bibliotecas e os cemitérios. Para 18 de maio prevê-se a reentrada em funcionamento, “com muita precaução”, do centro de incubação de empresas, da Fortaleza de Santiago e dos museus. Em relação às praias, Francisco Jesus, líder da autarquia, anuncia um processo gradual: “Em breve reabriremos a parte pedonal da marginal e as praias para a prática de desportos náuticos, reforçando a informação sobre as medidas de segurança”.

Em Palmela, um dos concelhos do distrito menos afetados onde, de acordo com o edil Álvaro Amaro, “nunca foram ultrapassadas as duas dezenas de casos positivos”, mantêm-se as restrições em vigor no que respeita aos serviços públicos municipais, mas passaram a aplicar-se exceções que permitem o funcionamento dos mercados de produtores do concelho, das bibliotecas em regime de empréstimo domiciliário mediante requisição online ou por telefone e do cemitério com a presença máxima de 20 pessoas. Exceções estas, explica o autarca, que devem “seguir as medidas de restrição e segurança definidas pela Proteção Civil Municipal de acordo com as orientações da administração central”.

## CALAMIDADE PÚBLICA VAI PONDO EM MARCHA O DESCONFINAMENTO

Na sequência da transição, a nível nacional, para a situação de calamidade, a câmara da Moita ativou, no passado dia 3 de maio, o Plano de Emergência Munic-

ipal, o que significa que “as medidas de desconfinamento estão a ser aplicadas paulatinamente de acordo com o evoluir da situação”. Rui Garcia, presidente da câmara, salienta que, “neste momento, devido ao facto de se ter verificado um maior número de pessoas no espaço público, estão a ser reforçados os alertas à população, através de uma campanha de sensibilização, acompanhada da distribuição de máscaras”. No que respeita ao funcionamento dos serviços municipais, foram reabertos os cemitérios e as quatro bibliotecas. O atendimento ao público manteve-se desde o início da pandemia e em assuntos inadiáveis pode ser presencial, mediante marcação.

As medidas tomadas pelos diferentes municípios nesta fase da pandemia, seguindo as diretrizes do Governo, e sob a obrigação legal de acionarem os respetivos Planos de Emergência de Proteção Civil, centra-se em duas metas: retomar a economia, aos poucos e com cautela redobrada, e proteger a população, que agora se movimenta mais e em maior número, ficando mais exposta a transmissões. Para isso, multiplicam-se as campanhas de alerta aos munícipes, fazendo-os entenderem que é essencial cumprir as novas regras e continuar a seguir as recomendações. A distribuição de máscaras é outra das iniciativas adotadas pela generalidade dos concelhos da península.

Em termos de abertura de serviços, os municípios seguem as indicações da administração central e começaram por reabrir bibliotecas, cemitérios e o atendimento presencial nos serviços camarários, mediante marcação. Seguem-se, a 18 de maio, os museus e outros equipamentos camarários. ■

## Transportes readaptam-se ao desconfinamento

Os responsáveis da Área Metropolitana de Lisboa estão atentos ao recomeço da mobilidade na região. E dizem haver ainda muitas lacunas.

TEXTO PATRÍCIA BRITO IMAGEM DR

O estado de emergência reduziu significativamente a utilização de transportes públicos e muitos foram os operadores que suprimiram carreiras e reduziram horários. O regresso faseado à normalidade implica novas regras de utilização dos transportes públicos, mas, numa fase inicial, nem tudo tem corrido bem. Os utentes queixam-se de falta de informação sobre horários e regras e as condições de higiene de alguns meios de transporte também “deixam a desejar”.

Queixas às quais os responsáveis da Área Metropolitana de Lisboa estão atentos e a acompanhar a par e passo. “Temos estado a seguir atentamente a

situação”, diz Carlos Humberto ao Semmais. “Praticamente todos os dias são anunciadas novas medidas a implementar. Estamos a acompanhar diariamente as necessidades e vamos dando indicações aos operadores”, acrescenta.

Com as novas medidas impostas, os transportes públicos passam a ter uma ocupação de apenas dois terços da capacidade, é obrigatório o uso de máscara e não é possível efetuar pagamentos de título a bordo, devendo os passageiros utilizar apenas os meios pré-pagos.

“Do que conhecemos os transportes ferroviário, fluvial e o metro, estão já a funcionar praticamente na totalidade. Já

o rodoviário tem vindo a adaptar a oferta à procura e estão a ser feitos reforços diários de carreiras”, explica o presidente da AML para quem é essencial “que sejam cumpridas as regras de higienização e ventilação” dos transportes, estando para isso a ser preparada deliberação a enviar a todos os operadores.

Carlos Humberto acredita que o uso de transporte público dificilmente atingirá nos próximos tempos os números de janeiro e fevereiro e que o crescimento “vai ser gradual”, o que permitirá às empresas do setor adaptarem-se às necessidades e responder com o cumprimento de todas as regras impostas. ■

LAGOAS DE ALBUFEIRA E DE SANTO ANDRÉ AINDA NÃO ABRIRAM AO MAR

## Cada caso, é um caso

O estado de emergência e um parecer negativo do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas estão na origem dos adiamentos. Em Santo André temem-se “implicações severas” para os ecossistemas e para a vida das populações ribeirinhas, em Albufeira, nem por isso.

TEXTO PATRÍCIA BRITO FOTOGRAFIA DR



Lagoa de Santo André, está prevista abrir ao mar em junho

“QUANTO MAIS TARDE PIOR”, afirma Álvaro Beijinha, presidente da Câmara de Santiago do Cacém depois de ficar a saber que a abertura ao mar da Lagoa de Santo André, um procedimento que ocorre todos os anos, foi remarcada para a primeira quinzena de junho. “Este atraso afeta o ecossistema e tem repercussões graves na vida das comunidades piscatórias e na restauração”, diz ao Semmais.

Programada para finais de março, de acordo com o plano de ordenamento do território, e segundo determinação da APA (Agência Portuguesa do Ambiente), entidade à qual compete liderar o processo, a abertura ao mar da Lagoa de Santo André foi adiada para abril devido aos efeitos colaterais do estado de emergência, mas não chegou a acontecer “por causa de um parecer negativo do ICNF (Instituto de Conservação da Natureza e Florestas)”. O parecer, que é vinculativo para a APA, “evoca que a abertura da lagoa neste período iria afetar a nidificação de uma espécie de aves, causando malefícios superiores aos benefícios trazidos pela circulação das águas”.

No entanto, o presidente da câmara contesta esta decisão argumentando que prejudica “seriamente a renovação do sistema lagunar que é de extrema importância para o habitat de várias espécies, das aves migratórias aos peixes. Já o ano passado as coisas correram mal e a lagoa só esteve aberta ao mar por algumas horas”. Este ano, a situação pode ter um impacto mais significativo, uma vez que, “de acordo com as comunidades piscatórias e as associações ambientais, a cota da lagoa está muito baixa e quanto maiores são os dias, maior é a evaporação, o que dificulta a abertura ao mar”.

Para além dos danos causados ao ecossistema, está em causa “toda a atividade económica que vive da pesca da enguia, um dos ex-libris da nossa restauração, e a época balnear que se aproxima. Sem renovação das águas não é possível tomar banho na lagoa que é muito procurada pelos veraneantes porque o mar da praia adjacente é muito batido”.

Apesar de continuar a reivindicar, junto das autoridades que tutelam o processo, a antecipação da abertura - “propus o dia 23 de maio, considerando que isto também depende das marés” -, Álvaro Beijinha está pouco confiante: “Pelo que sei através da APA, o ICNF está irredutível, centram-se nesta questão da nidificação e esquecem tudo o resto”.

### ACORDO DE CAVALHEIROS ENTRE AUTARQUIA E A APA

Ao contrário do que acontece em Santo André, na Lagoa de Albufeira, concelho de Sesimbra, o atraso na abertura ao mar fica a dever-se exclusivamente a uma opção da autarquia: “É tradição abrir-se a lagoa ao mar na Sexta-feira Santa o que atrai milhares de pessoas e, nos dias seguintes, vem muita gente apanhar mariscos. Ora, este ano, devido à pandemia este tipo de ajuntamentos culturais, como sabemos, foram proibidos e procurámos evitar que acontecessem”, justifica o presidente da Câmara de Sesimbra.

Agora que se começa a retomar alguma normalidade, Francisco Jesus, aguarda apenas que se reúnam as condições técnicas para avançar com a abertura: “Será feita ainda este mês, quando as condições atmosféricas e as marés assim o permitirem, mas vamos fazê-lo de forma discreta para evitar que se juntem milhares de pessoas, porque é preciso continuar a seguir as regras e tempos extraordinários exigem medidas extraordinárias.”

Recorde-se que também o ano passado se verificou um atraso no processo, mas nesse caso “houve um impasse por causa da articulação com a APA”, ultrapassado em janeiro último depois da assinatura de um Contrato Interadministrativo, entre a agência e o município. Segundo o acordo, apesar de ser uma competência da Agência Portuguesa do Ambiente, a câmara municipal assumiu o compromisso de desenvolver o processo de contratação pública, bem como o acompanhamento e a fiscalização das obras de abertura.

O concurso, financiado pela APA e orçado em 73 mil e 500 euros, foi, entretanto, adjudicado e prevê que a abertura seja feita antes do início da época balnear, incluindo eventuais reaberturas, caso o canal volte a

fechar, o que “tende a acontecer devido ao assoreamento”.

Tal como noutros sistemas lagunares, a abertura ao mar da Lagoa de Albufeira é essencial para a salvaguarda da qualidade da água e dos valores ambientais que viabilizam as atividades económicas dependentes do bom estado de conservação da lagoa, tais como a pesca e o turismo que têm grande impacto nas dinâmicas económicas da região. “O ano passado verificámos que os atrasos estavam a interferir no equilíbrio do ecossistema e que a água estava a ficar esverdeada, o que causou algum mal-estar entre as populações e os utilizadores recreativos da lagoa, mas este ano estamos a monitorizar semanalmente a qualidade das águas e, para já, não está em causa a sua salubridade”.

**Somos a casa de milhares de portugueses.**

Sabemos que a nossa missão não pode parar. Por isso, continuamos a cuidar de quem mais precisa de nós e a sair à rua para estarmos junto dos mais vulneráveis.

Porque, numa altura em que todos temos de estar em casa, nós somos a casa de milhares de portugueses.

**Fique em casa. Por Boas Causas.**

**SANTA CASA**  
Misericórdia de Lisboa.

**UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS**

**JOGOS**  
SANTACASA

PUBLICIDADE



**S+**

A nova rede  
das regiões  
de Setúbal  
e Alentejo.

DIGITAL

# sem mais

MAIS VALOR COM O SEU  
**SEMMAIS** DE SEMPRE!

**semmais.pt**

 /jornalsemmas e  /semmaisedicacaoalentejo

ESCUTEIROS DA REGIÃO DINAMIZAM NA RETAGUARDA

## Alerta para o combate

Com as atividades canceladas, a Junta Regional de Setúbal do Corpo Nacional de Escutas vestiu a camisola do voluntariado e está no terreno a dar apoio em várias frentes.

TEXTO PATRÍCIA BRITO IMAGEM DR

**“A PRIMEIRA MEDIDA** que tomámos, logo no início da pandemia, foi cancelar todas as atividades, uma vez que quase tudo o que fazemos implica proximidade e contacto pessoal”, explica ao Semmais Ana Margarida Chagas, chefe regional do Corpo Nacional de Escutas. No entanto, “lançámos, através das redes sociais e do site criado para o efeito (escutismoemcasa.pt), propostas, desafios, brincadeiras e trabalhos manuais que nos permitiram aproveitar o facto de estarmos em casa como um tempo educativo”, iniciativa que, no dia 26 de abril, por exemplo, juntou online 3500 dos cerca de 4300 associados da região de Setúbal.

A preocupação seguinte foi “acompanhar os miúdos e as famílias e travar o ímpeto dos jovens, sobretudo os adolescentes, que queriam ir logo para o terreno dentro daquilo que é o espírito da nossa missão”. O que só aconteceu depois do corpo diretivo decidir em parceria com outras instituições, quais as ações concretas a apoiar: “Consideramos que devemos ter um papel dinamizador, mas de retaguarda e, por isso, agimos em coordenação com as estruturas sociais das paróquias, do Banco Alimentar e da Proteção Civil”, reitera a chefe re-

gional, “tendo como objetivo trabalhar por antecipação”. Foi nesse sentido que o novo espaço da Sede Regional, em Setúbal, foi preparado para receber os profissionais que trabalham na linha da frente e que são escuteiros: “Fizemos um levantamento e, entre os cerca de 800 adultos nossos associados, 57 estavam nessas condições. Felizmente, as coisas correram pelo melhor e só uma auxiliar do Hospital de São Bernardo acabou por utilizar o espaço até agora”.

### AGRUPAMENTOS PREPARAM ANGARIAÇÃO DE ALIMENTOS

É igualmente para antecipar situações graves de fome e outras carências sociais que estão prestes a lançar, em colaboração com o Banco Alimentar Contra a Fome, uma campanha regional para angariação de alimentos: “Setúbal é uma região muito delicada e a pandemia aumentou significativamente o número de famílias necessitadas. Como a campanha nacional de recolha de alimentos prevista para este maio foi cancelada, sabemos que é fundamental abastecer-mos o armazém”.

Noutra vertente, trabalhando de perto com a Diocese de Setúbal, com o

bispo D. José Ornelas Carvalho e com as paróquias, os escuteiros procuram substituir os grupos socio-caritativos que prestam voluntariado a nível local. “Grande parte dos voluntários fazem parte dos grupos de risco e a emergência social não parou, pelo contrário, aumentou. Ora, esta emergência é imediata, não pode esperar, e nós temos o perfil, a estrutura e a capacidade organizacional certa para fazermos esse trabalho”, explicou ao nosso jornal a chefe regional.

De entre as diferentes iniciativas tomadas pela Junta Regional, Ana Margarida Chagas destaca a campanha de angariação de fundos que reuniu cerca de 18 mil euros para compra de material de proteção que será entregue “de acordo com as necessidades” a três hospitais do distrito, São Bernardo, em Setúbal, Garcia de Orta, em Almada, e Barreiro-Montijo. E reitera uma especial atenção às assimetrias sociais e às crianças associadas que fazem parte de famílias mais carenciadas: “Neste momento, por exemplo, o Agrupamento do Seixal tem em curso uma ação para recolher material informático de forma a dar apoio aos miúdos que estão a ter aulas em casa e que não dispõem dos meios suficientes”. ■

Escuteiros angariaram 18 mil euros para compra de material de proteção



## Peregrinos da região com fé longe de Fátima

São milhares os peregrinos da região que este ano não se puseram a caminho de Fátima. Histórias de fé e de devoção com uma paragem forçada.

TEXTO RAUL TAVARES IMAGEM DR

**AS DEZENAS** de grupos organizados de peregrinos a Fátima oriundos do distrito ficaram, este ano, apeados devido à pandemia, mas prometem retomar os caminhos da fé já no próximo.

Uma fonte ligada à Diocese de Setúbal fala em mais de cem grupos de peregrinos que todos os anos, em várias modalidades, zarpam de localidades do distrito e chegam ao Santuário de Fátima carregados de “ânimo e devoção à Nossa Senhora de Fátima”. O Semmais não conseguiu apurar dados oficiais, até porque muitos dos grupos não estão registados nas paróquias, mas a região deve contribuir com uns bons milhares de homens e mulheres que fazem desta peregrinação uma grande força interior.



É o caso de Carlos Pontes, que lidera os “Peregrinos da Pomba Branca”, da Quinta do Anjo, que faz o caminho até Fátima em etapas de cinco dias, desde 2012. “Pessoalmente, o meu primeiro ano foi em 2000, foi um chamamento

que não sei explicar, e nunca mais deixei de ser peregrino”, recorda.

Este ano não havia outra solução senão ficar confinado. Ele e o resto do grupo, que anda entre as quarenta e as cinquenta pessoas. “Tivemos muita pena e até havia propostas para fazermos partes do caminho, chegando às portas de Fátima e regressando de imediato, mas foi mais sensato abortar a peregrinação”, explica o líder do grupo.

Na Quinta do Anjo, há dois outros grupos, sendo que um deles faz o caminho direto, cerca de 120 quilómetros. “Ganha-se gosto nisto, mas a maior parte vai para cumprir promessas ou votos de agradecimento à Santa”, diz Carlos Pontes.

### PÉRIPIO DE FÉ ENTRE SETÚBAL E OS CAMINHOS DE FÁTIMA

Sara Tavares integra um grupo de Setúbal e este ano seria a sua 23.<sup>a</sup> peregrinação. “Aquilo que sinto ao não poder fazer a peregrinação é uma espécie de vazio. Porque não se trata apenas do destino, não é só chegar a Fátima. É o caminho, são as vivências, é o convívio e a relação que se estabelece entre as pessoas.”

Não foi fácil a decisão, muito menos atenuar o efeito de não estar a 13 de maio

no palco espiritual de Fátima. “Como é que se atenua? Talvez seja a fé que nos une! Como temos grupos de peregrinos espalhados pelo país inteiro reunidos num grupo de Facebook, por estes dias vamos partilhando memórias e fotos de outros anos. De certo modo aconchegamo-nos uns aos outros neste período de vazio”, relembra ao Semmais.

O grupo de Sara Tavares, a que se juntam, em Almeirim, dois grupos de Alcácer e de Alvalade Sado, parte de Setúbal normalmente a 5 de maio e chega a Fátima a dia 11. Na manhã da terça-feira passada (dia em que se devia fazer à estrada) para “acalmar o coração deste vazio” pegou nos seus fones com os cânticos que normalmente a acompanham na peregrinação e foi caminhar até à Volta da Pedra (Palmela). “Não é a mesma coisa, mas sempre serviu para me acalmar”.

Muito mais que um ato de fé, a peregrinação permite muitas outras sensações, como acentua a peregrina setubalense: “Se há coisa de uma beleza indiscreta nesta peregrinação é o facto de vermos o nascer do sol durante vários dias. Começamos a caminhar por volta das quatro ou cinco da manhã e o nascer de cada novo dia é uma sensação extraordinária”. ■

APRENDEM PORTUGUÊS E RESPEITAM AS NORMAS DE SEGURANÇA

# Vida segue tranquila para asiáticos no Montijo

A agricultura, sobretudo a floricultura, absorve a maior parte dos trabalhadores que batem à porta das herdades e estufas. O retrato de uma comunidade ainda fechada que se protege e contribui para o sucesso empresarial do concelho.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM SEMMAIS

**SÃO, SEGURAMENTE,** quase um quarto da população de Pegões, freguesia do concelho do Montijo. Trabalham no campo, na apanha da fruta, ou nas estufas de flores. Vivem em grupos, em casas alugadas, e raramente se misturam com os restantes habitantes. Sorriem se alguém lhes sorri, mas raramente iniciam uma conversa. Limitam-se, quase sempre, a dizer que sim e, quando se lhes fala da doença da moda - da Covid-19 -, temerosos, como que receando ser acusados de algo, apontam rápido para a máscara de proteção que quase todos usam. É a comunidade do Hindustão.

Quem viaja de carro do Montijo a Pegões cruza-se facilmente com pequenos grupos de jovens indianos, paquistaneses, nepaleses e bengaleses ou bengális. É hora de almoço e alguns, já com a refeição tomada, aproveitam para esticar as pernas, deslocando-se alguns quilómetros. Muitos a pé de Pegões a Santo Isidro. Alguns aproveitam para fazerem compras. Encontramos um jovem, de máscara no rosto, a descansar num banco. Tem um saco de compras ao lado. Não conseguimos entender o nome que nos quase sussurra. Ficamos apenas a saber que é da Índia, que está há seis meses em Portugal e que, de momento, não trabalha. Faz com os dedos o sinal de dinheiro, que... não há.

Luís Manicato, comerciante local e arrendatário de uma casa a um grupo de indianos, diz que estes são pessoas

discretas. “Vêm aqui à loja e o que mais compram são cebolas e batatas. Não são pessoas de levantar muitos problemas. Muitos estão a trabalhar e só lá mais para o final da tarde é que aparecem nas ruas”, diz ao Semmais.

Uma imagem de tranquilidade que é partilhada pelo presidente da Junta de Freguesia, António Francisco Miguéns. “Não tenho conhecimento de causarem descatos. Ao contrário de outros, como alguns romenos ou ucranianos, que têm outro temperamento, estes não são de armar zaragatas”, afirma.

O autarca deixa entender, no entanto, que nem sempre estas pessoas, que já serão mais de 600 só com autorizações de residência requerida, vivem nas melhores condições. “Muitos podem ser, de algum modo, enganados pelas empresas de angariação de trabalho, que acabam por colocá-los em locais onde, por vezes, existe uma casa de banho para 15 pessoas”, esclarece.

## COMUNIDADE DE EMIGRANTES SÃO FORÇA DE PESO NA AGROPECUÁRIA

O presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, diz que as comunidades de emigrantes residentes no concelho são fundamentais para o sucesso que a agropecuária local, nomeadamente nas zonas de Pegões e Canha, tem em todo o país. “Não são apenas os asiáticos. Temos estufas onde trabalham pessoas de mais de 30 nacionalidades”, salienta.

Nuno Canta assegura que, relativamente aos asiáticos, não existe qualquer problema relacionado com propagação de Covid-19. “Aqui, tal como aconteceu no Algarve, surgiram notícias falsas de que eles seriam responsáveis por contágios. Isso não é verdade. Foi invenção de um partido de direita que quis estigmatizar as pessoas”. O autarca afirmou ainda que no concelho existe um gabinete de apoio aos migrantes, o qual lidera não só as ações de integração, como estabelece contactos com os serviços locais de saúde. “Em Pegões, por exemplo, há aulas noturnas, para que eles possam aprender português e assim tenham mais condições para negociar quando, por exemplo, assinam contratos de trabalho”.

A aprendizagem do português é igualmente considerada essencial por António Francisco Miguéns, que lembra que há empresas de recrutamento de trabalhadores que arranjam contratos temporários em que se paga o ordenado



mínimo e que depois os instalam em casas sem condições ou até, como outrora já aconteceu, em pocilgas restauradas. O preço destes alugueres ronda, por norma, os 100 euros mensais por cabeça.

Há também quem trabalhe sazonalmente, seja na agricultura ou na apanha da ameioja nas zonas de Alcochete e Samouco. Aqui, por vezes, o pagamento é de cinco euros à hora.

O presidente da Junta de Freguesia de Pegões partilha da ideia do líder da Câmara Municipal do Montijo, quando este diz que os emigrantes são fundamentais para o concelho. “Se não fossem eles, não havia mão de obra suficiente para trabalhar na agricultura”, diz António Miguéns, lembrando que numa das principais estufas de flores da região, que emprega cerca de 250 pessoas, cerca de 80 por cento são estrangeiros.

Nuno Canta lembra, por outro lado, que o Montijo é hoje o principal centro de produção de flores do país (há uma empresa que só no ano passado exportou quatro milhões de plantas “envasadas”), porque foram criadas condições para acolher a mão de obra necessária. “No concelho não há desemprego. A agricultura, a pecuária e as indústrias agroalimentares criam postos de trabalho”, refere o autarca.



Só em Pegões existem mais de 600 emigrantes com residência

Embora uma boa parte destes emigrantes procure condições para dar o “salto” para países onde se pagam melhores ordenados, nomeadamente Inglaterra e França, também já há os que por cá se começam a enraizar. Nas escolas de Pegões existem atualmente, no ensino pré-escolar e no básico, mais de 70 crianças asiáticas. Na localidade, assim como em Canha e noutras, também já há quem tivesse aberto pequenos minimercados. Muitas destas pessoas abalam do concelho quando chega a altura de, por exemplo, ir apanhar cereja para o Fundão ou maçã e pera para o Oeste. Vão, mas depois regressam. ■

“

**No concelho existe um gabinete de apoio aos migrantes, que faz a integração e o contacto com os serviços locais de saúde.**

NUNO CANTA  
PRESIDENTE DA CÂMARA  
DO MONTIJO



AMARSUL PROSSEGUE TAREFA DE DESINFETAR RUAS DA PENÍNSULA

## 4.500 ações de limpeza em mês e meio

As equipas da empresa de tratamento de resíduos dizem que o trabalho é agora melhor reconhecido. A recolha seletiva teve um crescimento de 38 por cento.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO  
**IMAGEM** SEMMAIS

**EM TEMPO DE PANDEMIA**, as ruas de muitos concelhos do distrito de Setúbal ganharam um movimento diferente. O movimento de apenas duas pessoas, hermeticamente fechadas dentro de um fato plastificado, com uma máscara 'cinematográfica' na cara, as mãos e os pés 'ensacados' em material antivírus. Cada duas pessoas são uma equipa de limpeza da Amarsul, a empresa de tratamento de resíduos que, em apenas mês e meio, desinfetou mais de 4.500 contentores de lixo e outros depósitos.

O Semmais foi encontrar uma destas equipas no Samouco, ali bem junto ao Rio Tejo. Vestidos como se estivessem num filme de ficção científica, Ilídio Ramos e António Tomás avançam, determinados, para o grupo de contentores mais próximo. Levam pulverizadores que

contêm uma substância cara misturada com água. É essa substância, dizem, que ajuda a travar a propagação da Covid-19, o vírus que no distrito já infetou mais de 800 pessoas e que, praticamente, encerrou todas as atividades.

“Estamos na linha da frente, em contacto direto com ‘isto’ mas, na Amarsul, que tem cerca de 250 colaboradores, ainda não tive conhecimento de um só que se tenha negado a efetuar as tarefas que lhe são solicitadas”, explica o chefe de equipa da Divisão de Recolha Seletiva, Carlos Risca, frisando que é o espírito de sacrifício por todos evidenciado que tem permitido mudar um pouco a imagem que os “homens do lixo” poderiam ter perante a opinião pública. “Hoje, devido ao trabalho que desenvolvemos em consequência da pandemia, notamos que as populações estão muito mais conscientes da importância deste trabalho. Mais cívicas. Já aconteceu virem pessoas residentes em condomínios fechados ter com as equipas, pedindo-lhes para resolverem os seus problemas”, conta.

### HIGIENIZAÇÃO CONCERTADA COM SERVIÇOS MUNICIPAIS

Para assegurar a higienização nos nove concelhos da Península (Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal), a Amarsul manda diariamente quatro equipas para as ruas. Essas interligam-se depois com os homens dos serviços municipais e, numa ação concertada, conseguem deixar prontos a ser utilizados

os contentores, papelarias e ecopontos que, não fosse a sua ação, seriam potenciais polos de disseminação da doença.

Susana Silva, do Gabinete de Comunicação e Sensibilização da Amarsul diz, por sua vez, que as populações estão, na generalidade, mais despertas para a importância da reciclagem. “Fazendo uma comparação com o mesmo período do ano passado, constatamos que existe um aumento de 38 por cento em relação à recolha seletiva. É um valor muito importante e que também demonstra que a população não está a desmoralizar”, afirma.

Desconhecido é, para já, por quanto mais tempo andarão as equipas da Amarsul na sua tarefa de desinfetar todas as superfícies dos equipamentos suscetíveis de serem tocados pelos utentes. Enquanto não existe uma data previsível para o regresso da normalidade, os técnicos pedem a todos que continuem a cumprir as regras elementares, nomeadamente as do acondicionamento correto do lixo, de preferência em dois sacos, devidamente atados e com um total de utilização até dois terços da sua capacidade. A separação deve continuar a ser feita, até porque esta tarefa vai muito mais além do que a colocação de resíduos diferentes em ecopontos distintos, havendo posteriormente uma vasta operação, nos centros de recolha, que envolve dezenas de pessoas e maquinaria sofisticada. Desnecessário, sobretudo neste momento, diz Susana Silva, é deitar fraldas nos ecopontos ou espalhar “monos” pelos passeios. ■



Equipas de limpeza da Amarsul, são constituídas apenas por duas pessoas

SEM APOIOS E SEM RECEITAS REINVENTA-SE A SOBREVIVÊNCIA

# Coletividades centenárias em risco

As coletividades de desporto, cultura e recreio estão paradas, à semelhança de muitos setores, desde março. Sem atividades as receitas diminuem, mas as despesas mantêm-se. O associativismo reinventa-se em tempos de pandemia.

TEXTO MARTA DAVID IMAGEM DR



**EM AZEITÃO**, a centenária Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, conta voltar ao pleno funcionamento em Setembro. Graça Pereira, presidente da direção, não acredita que antes estejam reunidas as condições para que os mais de 500 utilizadores dos serviços da coletividade possam regressar. “Tendo em conta o que sabemos, só iremos retomar as atividades em setembro.”

Uma situação que deixa a balança financeira “desequilibrada”. As despesas fixas são muitas e pagas quase na totalidade pelas receitas provenientes das modalidades. Por enquanto tem sido possível fazer-lhes face, assim como foi possível cumprir com os pagamentos a todos os prestadores de serviços, mas Graça Pereira está preocupada. “Não sabemos como será no futuro se continuarmos sem qualquer apoio extra. Custa-nos privar tanta gente dos seus rendimentos durante estes meses.”, diz ao Semmais, referindo-se aos muitos professores que trabalham habitualmente com a coletividade.

As medidas de apoio apresentadas pelo Governo não abrangem as coletividades, a não ser no lay-off. Em Azeitão, esperam que a câmara de Setúbal e a Confederação das Coletividades “exercem pressão sobre quem de direito para que haja um apoio efetivo”. porque vontade de trabalhar e esperança não faltam. “Juntos seremos capazes de ultrapassar esta fase. Contamos com todos, mais do que nunca, para ajudar esta grande coletividade a recuperar destes dias difíceis, com a pre-

sença nas nossas atividades e nos nossos espetáculos, assim que possível”.

## ‘VELHINHA’ ALMADENSE FOI DAS PRIMEIRAS A DAR SINAIS DE ALARME

A Academia Almadense também dá sinais das dificuldades que enfrenta. Grande parte da receita resulta das cedências das duas salas de espetáculos, mas com a proibição de eventos nos últimos meses, o valor arrecadado é zero. “Com esta pandemia tivemos de nos reinventar”, diz a presidente Helena Azinheira. As aulas de música, algumas atividades desportivas, como a ginástica e o taichi, e os grupos de teatro continuam ativos tirando partido dos recursos digitais. “Fazemos aulas online e essa receita vamos conseguindo manter”, mas os valores estão muito longe das necessidades. “Para além da preocupação que temos com a sustentabilidade da coletividade preocupa-nos o rendimento dos professores que trabalham connosco”. Na Academia trabalham quatro pessoas a tempo inteiro para além dos professores que prestam serviços. Dois desses funcionários estão em lay-off, uma forma encontrada para minimizar o impacto financeiro. “Quanto aos professores, como recebem uma percentagem das aulas que dão, vão conseguindo manter algum rendimento com o pagamento das aulas online”, explica a dirigente ao Semmais, adiantando que o futuro pode não ser o mais risonho. “Temos pessoas a dizer-nos que ficaram sem emprego e que não vão poder continu-

ar a pagar as mensalidades. Para já vamos oferecendo alguns conteúdos online porque é também esse o papel social das coletividades, mas vai ser muito complicado dar resposta a tudo se não surgirem linhas de apoio direto ao setor”.

O regresso também parece nublado. “Vai demorar tempo até que as pessoas se sintam à vontade numa sala de espetáculos e para que as companhias consigam tornar rentáveis eventos com metade da capacidade dos espaços. Vai ser um processo lento e espera-nos

uma aprendizagem muito grande”.

Logo que possível recomeçarão as aulas de música porque são, regra geral, individuais. Os grupos de teatro estão “ansiosos por regressar, mesmo que os ensaios tenham de ser feitos com máscara, mas como é que fazemos aulas de canto com uma máscara ou com uma viseira?”.

As dúvidas de um tempo novo que baralhou todas as coordenadas e que obriga toda a sociedade a reinventar-se. Até o associativismo centenário! ■

## Almada dá apoio de 1,6 milhões

Enquanto a Perpétua Azeitonense e a Academia Almadense são dois exemplos que ainda conseguem de alguma forma dar a volta à situação financeira, outras coletividades vivem situações de sufoco que já se tornaram públicas. Uma delas é a Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, que aos 172 anos de existência não sabe por quanto mais tempo conseguirá sobreviver sem receitas e com uma despesa média mensal superior a quatro mil euros. Em comunicado a coletividade já tinha dado conta da real situação de crise por ausência de qualquer receita.

Para fazer face a situações como a da Incrível Almadense e de outras coletividades do concelho, a câmara de Almada decidiu, no final da semana, atribuir um apoio municipal de 1,6 milhões de euros. O objetivo é “tentar evitar o encerramento das associações locais” num fundo que prevê a manutenção de todos os contratos, protocolos e apoios, de âmbito cultural, desportivo e familiar e que tem o valor de 800 mil euros. Os outros 800 mil euros pertencem a apoios no âmbito do Regulamento Municipal ao Movimento Associativo cujas candidaturas estão a decorrer.

## ‘Apagão’ nas empresas de luz e som

Com os eventos todos anulados, os empresários que suportam a luz e o som de festivais e grande feiras, estão à beira de um ataque de nervos.

TEXTO MARTA DAVID  
IMAGEM DR

**COM OS FESTIVAIS** de música e as grandes feiras proibidos e anulados até 30 de setembro centenas de técnicos de som, luz e palco ficam sem fonte de rendimento durante mais de meio ano. Um setor da atividade de que poucos falam, quando se reconhece o rombo que a Covid-19 provocou na área da cultura.

José Luís Palma trabalha há já alguns anos na produção de espetáculos. A sua empresa fornece som e luz, para além de apoio de palco e contratação de artistas. Só nos primeiros três meses de suspensão de atividades culturais deixou de faturar quase 40 mil euros. “Embora tivesse alguns artistas e bandas contratados, depois

de pagar todas as despesas devia sempre dar-me uma fatia simpática de lucro”. Um lucro que seria aplicado no investimento de cerca de 27 mil euros que, feito recentemente, acreditou poder recuperar rapidamente já que este se avizinhava como um bom ano.

Apesar de não ter funcionários fixos e trabalhar com “freelancers”, o empresário preocupa-se com os efeitos que esta paragem nos eventos culturais pode significar na vida de muitas pessoas. “Alguns destes colaboradores ainda estão a recuperar da anterior crise. Têm pagamentos obrigatórios para fazer, estão a braços com planos de recuperação fi-

nanceira, viram-se penhorados...”. Esta paragem obrigatória, sem nenhum tipo de apoios pode deixar muitas famílias em situação difícil.

José Luís Palma acredita que alguns eventos de menor dimensão poderão atenuar a perda significativa de receitas. Aguarda que o Governo anuncie a abertura gradual de algumas atividades com menos público a partir de 1 de julho, mas não tem dúvidas de que este ano, comercialmente, será mau. Um ano em que tem uma única certeza, a de que todos vão perder: “Não há nem para mim, nem para os meus colaboradores, nem para os artistas ou palcos e estruturas que iria contratar”. ■

VITÓRIA TRABALHO UMA SEMANA EM PEQUENOS GRUPOS

# Segunda-feira regressam os treinos coletivos

Por enquanto desconhecem-se as regras e as datas para o regresso do campeonato, mas, no Bonfim, já se alinham posições para os jogos que faltam. Testados negativamente à Covid 19, trabalho de grupo recomeça esta semana.

TEXTO MARTA DAVID IMAGEM DR



**OS TRABALHOS** em grupo da equipa do Vitória recomeçam esta segunda-feira, no relvado do Bonfim, depois de nos últimos dias os jogadores terem treinado em grupos de seis. É uma espécie de regresso à normalidade, mas com todas as medidas sanitárias necessárias para garantir a segurança e a saúde dos jogadores e restante equipa.

A equipa principal voltou a realizar testes à Covid 19, esta sexta-feira, depois de na passada semana terem feito uma primeira análise a todos os elementos do plantel, equipa técnica e staff. A primeira análise assim como os testes sorológicos tiveram resultados negativos, o que significa que ninguém teve contacto com a doença, deitando assim por terra algumas dúvidas levantadas relativamente ao surto de gripe que assolou a equipa no início de janeiro e que, perante a atual pandemia, se questionou se teria sido um surto de coronavírus, quando ainda não se falava do assunto, em Portugal.

O regresso aos treinos foi marcado por medidas de segurança sanitária. Os atletas equipam-se em casa e todo o material utilizados é desinfetado antes e no final de cada jornada. As temperaturas dos jogadores são registadas assim como é feita uma análise a possíveis sintomas. Até ao momento os trabalhos

foram sempre realizados no campo de jogo, em espaço aberto. Os treinos em ginásio continuam, para já, a ser feitos em casa, à semelhança do que aconteceu durante o período de confinamento.

## DIREÇÃO DO CLUBE DEFENDE REALIZAÇÃO DOS JOGOS EM CASA

Ainda não estão definidas as regras para o regresso do campeonato nem a data em que o mesmo vai acontecer. A Liga ponderou vários cenários, entre eles o de realizar as jornadas que faltam numa zona do país que ofereça campos suficientes e suporte hoteleiro para evitar deslocamentos das várias equipas. Uma ideia que não agrada de todo ao Vitória. O primeiro jogo será frente ao Marítimo, fora e, apesar de nada estar definido, a direção de comunicação do clube garante que continua a defender que os jogos devem acontecer nos campos de cada equipa. “Entendemos que temos as condições necessárias para receber os jogos e, caso assim não seja, a Liga deverá dizer o que é necessário mudar e o clube tudo fará para cumprir essas condições”, disse ao Semmais Fábio Aguiar, diretor de comunicação do Vitória. Posição reforçada pelo presidente do Clube em entrevista ao jornal A Bola em que assume de forma peremptória “queremos e tudo faremos para jogar no Bon-

fim”, nas partidas em casa referentes às nove jornadas que faltam. O Vitória tem de jogar fora com o Marítimo, Boavista, Guimarães, Aves e Sporting. Os jogos em casa são contra o Santa Clara, Rio Ave, Paços de Ferreira e, na última jornada, com o Belenenses.

## PARAGEM DESPORTIVA FEZ QUEBRAS NAS RECEITAS DE MEIO MILHÃO

Os impactos da Covid 19 e a consequente suspensão de todas as atividades desportivas provocaram uma quebra significativa nas receitas. No caso do Vitória, o presidente Paulo Gomes admite que o clube teve “uma diferença de meio milhão de euros de receita comparativamente ao que seria de prever”.

Numa situação financeira débil desde há algum tempo, foi necessário “fazer muitas contas de cabeça para reduzir despesas”, uma vez que a direção decidiu não optar pelo lay-off, chegando a acordo com os vários profissionais que prestam serviços ao clube. “Podemos não ter condições para fazer o pagamento total, mas as pessoas estão disponíveis para colaborar e assinaram os acordos que nos permitiam funcionar”, palavras do presidente que reforça o facto de que no Bonfim o grupo de trabalho é como uma família. ■

## Velázquez satisfeito em Setúbal, mas sem adiantar o futuro

O treinador espanhol do Vitória, Júlio Velázquez passou os tempos de confinamento longe da família que continua a residir no país vizinho. Como latino sentiu a falta do contacto social com os parentes e amigos, mas admite que o mais importante é a saúde. Numa entrevista concedida ao jornalista Paulo Sérgio, integrada na iniciativa da câmara de Setúbal “Vidas que inspiram Desporto”, transmitida online, o técnico que está no Bonfim desde novembro elogiou a forma como o Governo português atuou perante a pandemia, assim como a maneira como os portugueses acataram as instruções.

Confessa-se apaixonado por Setúbal e bem integrado no Vitória. “Gosto da equipa, das pessoas com quem trabalho. Identifico-me com os adeptos e com a paixão com que a cidade vive o futebol”, diz ao mesmo tempo que realça o respeito com que tem sido tratado.

De regresso ao trabalho no terreno para preparar o final de temporada, Velázquez assume que a equipa conseguiu uma posição confortável na tabela classificativa após ter chegado aos comandos do Vitória numa situação de eminente descida. “Quando parou o campeonato estávamos numa posição muito boa, depois das dificuldades iniciais. Não podemos esquecer que o Vitória tem o orçamento mais baixo de toda a I Liga”.

O final da atual temporada e o início da próxima, dada a suspensão dos jogos por, pelo menos, três meses, não vai permitir um período de férias. Questionado sobre o que pensa fazer depois de julho, o técnico diz que para já o objetivo é o momento atual. “Estamos focados a 100% nesta época, no momento presente. Depois vamos analisar o projeto, os objetivos e as possibilidades. Sinto-me totalmente integrado e teremos tempo de falar sobre a próxima época mais para a frente. Depois de terminar esta”. ■

# Cova da Piedade em braço de ferro com FPF

Mesmo sem o campeonato ter terminado, a pandemia atirou o clube para divisão inferior. Uma polémica que está para durar.

TEXTO MARTA DAVID IMAGEM DR

**O FIM DOS CAMPEONATOS** organizados pela Federação Portuguesa de Futebol sem a conclusão dos jogos em atraso devido à suspensão por imposição da pandemia implicou que as decisões de subidas e descidas de divisão fossem tomadas com base nos critérios de mérito desportivo recomendados pela FIFA, pela UEFA e pela FPF.

Esses critérios ditaram a promoção do Nacional da Madeira e do Farense à Liga NOS e a descida ao Campeonato Nacional do Cova da Piedade e do

Casa Pia, uma decisão que não agrada à direção do clube de Almada e que já anunciou que vai recorrer contra aquilo que considera uma “ilegalidade”. Em comunicado a direção fez saber que considera que a decisão da FPF “viola o mérito desportivo e vai causar graves e irreparáveis danos” àquela SAD.

Apesar de não concordar com a decisão dificilmente o Cova da Piedade poderá contestar a mesma, pois se o fizer corre o risco de perder o direito aos apoios financeiros previstos. O regulamento

de acesso a essas verbas inclui a orientação de que só poderão usufruir deles os clubes que “abdiquem de impugnar o teor do regime aprovado para as subidas e descidas”.

Quando o campeonato foi suspenso, a 12 de março, o Casa Pia ocupava o 18.º e último lugar, com 11 pontos, e o Cova da Piedade era penúltimo, com 17. O Vilafranquense é a primeira equipa a salvo da despromoção, com 24.

O treinador do Cova da Piedade sente-se “revoltado” com a decisão administrativa

porque considera que os clubes ainda tinham margem para se agarrarem à II Liga e por isso defende que “têm que descer dentro do campo” porque se há condições para acabar um campeonato deverá haver condições para todos.

O antigo jogador vai mais longe e pergunta: “Eu gostaria de ver Benfica B e Porto B se estivessem nas nossas posições, qual seria o desenrolar deste processo? Tenho muita curiosidade em saber como é que iam fazer isto, como é que iriam cozinhar isto”. ■

SETOR DAS PESCAS NA REGIÃO RESISTENTE À PANDEMIA

# Mercado online duplicou vendas

Num setor sempre frágil, a pandemia trouxe aspetos positivos. A transação online de pescado na doca de Sesimbra duplicou em dois meses e o número de comerciantes registados cresceu 33 por cento. **TEXTO** MARTA DAVID **IMAGEM** DR

O SETOR das pescas na região conseguiu resistir aos impactos negativos que a Covid 19 lançou um pouco por toda a economia. Apesar de ter registado alguma quebra a meio do mês de março, a situação rapidamente recuperou a normalidade e, segundo Sérgio Faias, da Docapesca, “a redução não é tão visível como se esperaria” e em alguns casos até trouxe boas surpresas.

Logo no início de março, a Docapesca decidiu tornar o acesso ao leilão online gratuito para os comerciantes, como forma de cumprir com algumas das medidas do plano de contingência, nomeadamente a redução do número de pessoas em recintos fechados. Na lota de Sesimbra, a única da região que dispõe desse serviço, em dois meses as transações duplicaram e o número de comerciantes registados aumentou 33 por cento. Uma ferramenta cuja potencialidade cresceu de forma significativa na pandemia e que pode tornar-se um instrumento diferenciador.

Outro dos aspetos positivos retirados dos novos tempos tem a ver com os “circuitos comerciais mais curtos”, ex-

plica ao Semmais Sérgio Faias. “As empresas e associações de pescadores criaram os seus próprios cabazes e fizeram a distribuição de forma mais direta”. Um conceito que já existia, mas que ganhou um impulso com “o reforço da produção nacional e local, em detrimento da importação”. Reflexos também das fronteiras fechadas que obrigaram à procura de produto nacional.

## FECHO DA RESTAURAÇÃO OBRIGOU A AJUSTAR ROTAS DE DISTRIBUIÇÃO

O setor da restauração escolheu grande parte do pescado transacionado nas lotas da região e assim que os restaurantes fecharam portas o impacto sentiu-se, especialmente, nos pequenos postos de venda, já que passou a haver “uma maior concentração de venda nas lotas”.

“Em meados de março fomos obrigados a ajustar a nossa oferta à procura que passou a existir por oposição ao mercado da restauração”, diz o administrador da Docapesca. Espécies como a garoupa ou o cherne deixaram de estar no topo da procura e as “frotas orientaram-se para as

espécies que passaram a estar mais disponíveis nas grandes superfícies”, mercado esse que aumentou exponencialmente por comparação com períodos anteriores.

Estas adaptações, atesta Sérgio Faias, “mostram que o setor da pesca está vivo e tem pessoas com grande capacidade de reação e visão de futuro”. Um ajuste que passou também por reduzir o número de dias em que as embarcações se fazem ao mar. “Parar a pesca ao fim de semana foi uma decisão tomada pelo Governo em consonância com as associações do setor. O preço médio do pescado estava a baixar em lota, especialmente à segunda-feira, porque havia excesso de peixe. A bem da sustentabilidade económica do setor a paragem era fundamental”. Situação que, entretanto, já foi normalizada com o fim do estado de emergência, após reunião dos responsáveis governamentais com as associações e operadores do setor.

## RESPONSÁVEIS PERSPETIVAM BOM ANO PARA A PESCA DA SARDINHA

A campanha da sardinha começa no início do próximo mês e prolonga-se até

ao final de julho, dois meses em que os barcos nacionais poderão pescar 6300 toneladas, cerca de mais 1300 toneladas do que no ano passado.

Apesar do aumento das quotas, a preocupação dos operadores e associações prende-se com a forma como o peixe será escoado, atendendo a que uma parte substancial desse consumo acontece em festivais dedicados e nas comemorações dos Santos Populares.

“Em termos de sustentabilidade da espécie estamos no bom caminho”, diz Sérgio Faias ao mesmo tempo que manifesta alguma preocupação quanto às vendas. “A sardinha tem um valor considerável nos volumes de pescado transacionado” no período de verão, em especial na época das festas populares. Algumas associações já pediram aos portugueses que “assem sardinhas em casa”, mas a Docapesca espera que seja possível encontrar “uma estratégia para compensar quebras de preço”, numa posição articulada com a secretaria de estado e o ministério que partilham da preocupação dos operadores. ■

PUBLICIDADE

**O Município de Setúbal, as Juntas de Freguesia e o Serviço Municipal de Proteção Civil garantem a segurança e proteção dos munícipes!**

**INFORMAÇÃO ADICIONAL DISTRIBUIÇÃO DE MÁSCARAS**

De acordo com a Direção-Geral de Saúde, não é aconselhável a utilização de máscaras por crianças menores de 6 anos.

As máscaras que o município está a distribuir devem ser prioritárias para quem do facto necessita nesta primeira fase. Caso já tenha máscaras, pense nos outros e deixe o levantamento para mais tarde.

Para levantamento das máscaras é obrigatório comprovativo de residência.

No caso de haver rutura de stocks nos seis postos de atendimento, os funcionários registam, mediante comprovativo de residência, o nome, a morada e a composição do agregado, para que sejam enviadas pelas GTT, evitando nova deslocação.

Cada kit é constituído por três máscaras e a distribuição à população será uma máscara por cada elemento do agregado familiar. Uma vez que as máscaras são em tecido, estas devem ser lavadas antes da primeira utilização, conforme indicado no manual de utilização que se encontra no interior do kit.

Confirme os horários dos atendimentos dos postos de distribuição em [www.mun-setubal.pt/covid-19](http://www.mun-setubal.pt/covid-19)

SETÚBAL COVID-19

PROJETO NA HERDADE DO PINHEIRINHO PRESTES A AVANÇAR

# Unidade turística pode atingir os 500 milhões

A zona está licenciada há cerca de dez anos. O promotor deverá, no entanto, apresentar algumas alterações ao projeto, diminuindo a área de construção e valorizando os aspetos paisagísticos e ambientais.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO  
**IMAGEM** DR

**O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO** de um empreendimento turístico de luxo na Herdade do Pinheirinho, em Melides, Grândola, está apenas dependente da entrega dos projetos de construção na autarquia, uma vez que o licenciamento já se encontra aprovado. Trata-se de um investimento que pode chegar aos 500 milhões de euros e que será construído praticamente de raiz.

Em declarações ao Semmais, o presidente da Câmara Municipal de Grândola, António Figueira Mendes, disse que

o promotor do empreendimento deverá apresentar algumas alterações ao projeto inicial, na tentativa de reduzir parte do espaço edificado. “É uma decisão que se compreende, tendo até em conta o momento económico que se vive”, atestou o autarca.

As reduções preconizadas, que depois de aprovados na autarquia darão então início à obra, podem incidir sobre o tamanho dos dois aparthotéis e do hotel inicialmente pensados. “A redução das áreas de construção, aumentando o tamanho não edificado dos lotes, é uma medida que vejo com satisfação, porque indicia mais e maior qualidade, mercê da preservação da situação ambiental e paisagística”, afirmou António Figueira Mendes.

A Herdade do Pinheirinho, com 200 hectares, foi adquirida esta semana, conforme anunciou a promotora imobiliária Vic Properties. Nos licenciamentos aprovados há vários anos para o local, estimava-se construir 250 apartamentos (dois aparthotéis) e 450 moradias, isto para além do já aludido hotel de luxo.

Num comunicado difundido pela Vic Properties, o CEO da empresa, João Cabaça, diz que “é uma aquisição estratégica da promotora, que acredita

que nos próximos anos vai existir uma cada vez maior valorização de segundas habitações, inseridas em contextos mais próximos da natureza”.

O empreendimento, que inclui também diversas áreas comerciais, conta igualmente com um campo de golfe que é, de resto, a única estrutura prevista no projeto que já se encontra construída e em laboração. “Temos a certeza de que a Herdade do Pinheirinho será um projeto de referência em Portugal, com um forte impacto no panorama imobiliário

nacional, assim como na economia e na criação de emprego local”, disse o mesmo responsável.

A construção de empreendimentos turísticos de elevada qualidade é, de resto, uma das apostas da autarquia grandolense. Na Herdade da Comporta, por exemplo, deverão iniciar-se já no próximo ano as obras de construção, em cerca de dez hectares, de 24 moradias de luxo e 56 apartamentos, um conjunto que pretende recriar uma aldeia típica daquela zona do Alentejo Litoral. ■

Empreendimento conta com um campo de golfe já construído



PUBLICIDADE

## PORTO DE SINES

### PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA



PORTO DE  
SINES

O porto de águas profundas de Sines está apto a receber os maiores navios do mundo e a movimentar todos os tipos de cargas, oferecendo ligações diretas regulares aos principais mercados dos cinco continentes. Com elevados índices de produtividade e operações 24 horas por dia, Sines potencia a economia e as exportações nacionais, assumindo-se como a Porta Atlântica da Europa.




[www.portodesines.pt](http://www.portodesines.pt)

EDITORIAL  
RAUL TAVARES  
DIRETOR

## Não deixar que o desleixo deite tudo a perder

**TODOS** sabemos que há muitas nuances deste novo coronavírus que não se conhecem. A comunidade científica não anda propriamente 'à nora', mas está a pisar terrenos ainda movediços. A cura é experimental e incerta, a vacina dá passos inseguros e, apesar dos investimentos como não há memória em situação idêntica, demora. Mas há, contudo, uma verdade comprovada: o maldito vírus contagia que se farta, é insidioso e malandro, e vai golpeando a uma velocidade inaudita.

Perante este cenário, e para além das fortes medidas de isolamento e confinamento social que temos vindo a experimentar nas nossas vidas, parece crucial que cada um de nós faça o seu papel, tornando-se um agente de saúde pública. Na última semana, com o abrandamento das medidas, os números na região de Setúbal voltaram a ganhar alguma força. Não sou de medos, nem de pânico, mas precisamos levar a pandemia a sério, porque a ideia de segundas e terceiras ondas da Covid-19 tem sido repetidamente lançada pelos especialistas.

É verdade que o país não pode parar, e não aguentará por muito mais tempo uma retração sem medida da economia. E se conseguirmos até aqui conter os efeitos mais perniciosos da crise, como seja o não estoirar do Serviço Nacional de Saúde e um leve planalto de mortalidade, era bom que se não deitasse agora tudo a perder.

Sou um otimista incorrigível e tenho gabado a forma como a esmagadora maioria de nós tem mantido uma consciência ativa sobre esta crise sanitária, mas o abrandar do combate e o desleixo das medidas de proteção começam a dar sinais de recuo. É preciso continuar alerta. ■

CATARINA MARCELINO  
DEPUTADA DO PS  
EX-SEC. ESTADO PARA A  
CIDADANIA E IGUALDADE

**NO CONTEXTO DO COVID19**, é pertinente falar das pessoas idosas e do modelo de sociedade que temos, mas sobretudo daquele que pode emergir desta experiência pandémica.

Em 1961 em Portugal havia 27,5 idosos por cada 100 jovens e a esperança média de vida estava perto dos 65 anos. Hoje há 157,4 idosos por cada 100 jovens e a esperança média de vida é de mais de 80 anos.

A realidade mudou radicalmente em 60 anos e hoje Portugal é o 3º país mais envelhecido da Europa, depois da Itália e da Alemanha. Esta realidade levanta-nos desafios a que temos que saber responder no atual contexto, sem pôr em causa direitos, liberdade e garantias dos cidadãos mais velhos.

O vírus com que lidamos é mais violento junto da população idosa, o que tem levado a uma política de saúde pública que tem como princípio o confinamento e a proteção das pessoas a partir dos 70 anos. Durante o Estado de Emergência havia mesmo especial dever de confinamento deste grupo de cidadãos e no que diz respeito às pessoas idosas institucionalizadas em lares residenciais a total ausência de visitas de familiares e amigos.

Segundo os dados da Carta Social ex-

# Autodeterminação dos mais velhos na era COVID19

istem no Distrito de Setúbal, entre lares do setor solidário e do setor lucrativo, 143 respostas residenciais com capacidade para 5.882 pessoas. Estas estruturas, a que se juntaram os lares ilegais, que não se sabe o número exato pela sua condição, tornaram-se uma das principais preocupações no âmbito da estratégia de combate ao coronavírus.

Está neste momento a decorrer a testagem a todos os funcionários e funcionárias destas estruturas, independentemente da sua situação jurídica, para que se possa avaliar o risco de contágio. Esta medida é uma aposta decisiva no combate à pandemia na Região. Estão envolvidas nesta ação, a Segurança Social, a Saúde, as Câmaras Municipais através da Proteção Civil de cada Município e as entidades de Ensino Superior.

A estratégia de testar, testar, testar, vem garantir a monotização desta população e evitar situações dramáticas, como se tem vivido noutros países. Mas este controlo tem que servir para mais.

As pessoas idosas são cidadãs de pleno direito e, não estando interdadas, têm todo o direito à autodeterminação, direito de decidirem sobre as suas vidas. O que lhes deve ser pedido é que, dado a sua especial

fragilidade perante a doença, tenham as devidas precauções.

Não é aceitável numa sociedade decente, que por tempo indeterminado, as pessoas idosas institucionalizadas sejam impedidas de estar com aqueles que amam. É fundamental que após as testagens dos lares se encontrem soluções para que estas pessoas possam ser visitadas, com os cuidados devidos de distanciamento social e higienização dos espaços.

Mas também aqueles que não estão institucionalizados têm direito a viver e a optar sobre o que querem e não querem fazer. Há muitas pessoas com mais de 70 anos com vidas ativas, muitas que trabalham ou têm atividades sociais, muitas que tomam conta dos netos, e não é aceitável que lhes seja vedada a possibilidade de viver.

Temos que garantir que as pessoas idosas possam fazer as suas escolhas em liberdade, observando regras de segurança adaptadas a cada situação, mas que não permitam o caminho de uma sociedade em que os mais velhos sofram de solidão e de tristeza, porque uma doença tornou as medidas sanitárias em medidas discriminatórias contra pessoas que tal como todas as outras têm direito à vida e a serem felizes. ■

PIO DE PRUMO  
JORGE SANTOS  
JORNALISTA

## Números

**LEMBRAR-SE-ÃO** os ex-militares que cumpriam sempre mais de três anos de serviço, dois deles na guerra colonial, que muitos se "entretinham" a assinalar cada dia passado, com um risco no cinto, o que "servia" para mostrar aos "maçaricos" (os mais novos) que estavam mais perto da desejada e sonhada disponibilidade.

Hoje assinalando no calendário cada dia que continuamos fechados em casa por causa das circunstâncias a que nos obriga a pandemia designada por Covid-19 e mesmo os que não se dedicam a estes pormenores não deixam de ser assaltados com os números que nos são dados pela Comunicação Social forte-

mente divulgada pelas redes sociais.

Não contestamos a informação de como vai evoluindo ou retrocedendo o processo social da pandemia, mas não nos podemos deixar agachar perante o peso responsável de tal informação pois correremos o risco de nos deixar intimidar involuntariamente e com isso correremos o risco de ficar com medo de pensar quanto mais de estar.


E a força da Informação atingiu uma tal proporção que já se fala em recordes como se de uma competição estivéssemos a tratar pois para além da "competição" entre as várias zonas do País, esquecendo a densidade populacional, também fazemos compara-

ções entre países editando em "caixa alta" o "vencedor".

E porque – queiramos ou não – esta coisa de números nos atira sempre para os euros, tema que marca residência nos milhões de milhões, eis que os mais privilegiados se apressam a levantar a voz "solicitando" ajuda para que os seus recursos não sejam atingidos pela crise que se está a desenhar e que pelo choradinho que se vai ouvindo, dificilmente conseguimos superar.

Fiquemos atentos e vigilantes para que quem tem a missão de nos governar tenha a sabedoria de nos continuar a proporcionar a vida digna que todos merecemos. ■

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, José Bento Amaro, Marta David, Patrícia Brito** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Paginação **Marta Almeida** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** /  /jornalsemmais

SOFIA COLARES ALVES  
CHEFE DA REPRESENTAÇÃO  
DA COMISSÃO EUROPEIA EM  
PORTUGAL

# Dia da Europa em época de coronavírus

**“NO DIA 9 DE MAIO** celebramos a União Europeia e o momento que marcou a sua fundação: a Declaração Schuman. Não é uma data que esteja muito presente na mente dos Portugueses e, por isso, gostaria de hoje recordar a importância deste dia para todos os Europeus. Este ano, o 9 de maio tem um valor especial pois simboliza, mais do que nunca, a importância de pertencermos a uma União de países que protege os seus cidadãos. Este ano, num 2020 atribulado, celebramos marcos importantíssimos da nossa história comum: o 70º aniversário da Declaração Schuman e o 75º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial.

Os últimos 75 anos provaram que a paz, a cooperação entre países e a amizade além-fronteiras são os melhores ingredientes para assegurar o crescimento económico, a prosperidade da sociedade e o bem-estar dos cidadãos.

Pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, precisamente em 1950, foi proferida por Robert Schuman, um dos “pais fundadores da Europa”, na altura ministro dos Negócios Estrangeiros francês, a famosa Declaração Schuman.

Assim, a 9 de maio de 1950, pelas 16 horas, na Sala do Relógio do Quai d’Orsay, em Paris, lia-se a declaração que lançou as pedras basilares da construção europeia. Este momento passou a ser considerado o momento fundador do projeto europeu.

Os pais e mães fundadores da Europa criaram algo poderoso a partir dos escombros das guerras mundiais: a paz. Apesar de todos os desafios que a Europa tem vindo a enfrentar, essa paz deu origem a um mercado comum forte, à mobilidade dos Europeus e viagens sem fronteiras, a mais emprego, mais cultura e mais inovação. Hoje, já somos 500 milhões de europeus a viver em liberdade e prosperidade no continente europeu.

Estamos agora a enfrentar um novo obstáculo, também este de escala mundial. Os últimos meses têm sido duros, na luta contra uma crise sem precedentes. Este ano, a Comissão homenageia todos os europeus que se unem para fazer com que a Europa ultrapasse esta crise e prepare o caminho para a recuperação. Em 2020, a Comissão tem

trabalhado continuamente na proteção dos europeus através da coordenação de uma resposta europeia comum ao surto de coronavírus. Aliás, é-nos impensável pensar em soluções para esta crise e não pensar em soluções para o conjunto da União Europeia. Se o mundo é global e interdependente, a União Europeia é já um espaço contínuo de interação a todos os níveis. Não haverá saída para a pandemia e para as suas sequelas sem a atuação da União Europeia.

E o Dia da Europa é uma oportunidade para recordarmos os valores fundamentais da União Europeia: a paz, a liberdade, o Estado de direito, a democracia e uma economia e sociedade prósperas para todos. São estes os valores que nos permitem, a nós europeus, trabalhar e viver pacificamente, aproveitando, ao mesmo tempo, as oportunidades económicas e tecnológicas que a União oferece.

Não podemos celebrar o dia de hoje todos juntos, como gostaríamos. Contudo, continuamos ligados, digitalmente, a celebrar os últimos 70 anos de história conjunta.

Hoje é importante que nos lembremos do caminho já percorrido e do que já ganhamos ao longo destes anos comunitários. É essencial que, por todo o país, as nossas crianças fiquem a saber que pertencem a uma comunidade de países unidos na sua diversidade. É essencial que se contem histórias do antes e que se celebre o depois.

Como declarou Robert Schuman há 70 anos: “A Europa não se fará de uma só vez, nem de acordo com um plano único. Far-se-á através de realizações concretas que criarão, antes de mais, uma solidariedade de facto.”. Lembremo-nos que o caminho para a recuperação é feito em conjunto, com base nos valores que nos unem há já 70 anos. Só unidos e num espírito de solidariedade poderemos manter o projeto europeu, continuar a preservar a paz e a trabalhar para um futuro próspero e sustentável para as pessoas na Europa e em todo o planeta. A nossa unidade e solidariedade acabarão por nos ajudar a vencer o inimigo invisível que hoje ameaça a nossa saúde e os nossos meios de subsistência. Viva a Europa! ■

## PROVEDOR DO LEITOR

Caro leitor, este espaço é seu, pelo que o nosso Provedor receberá as suas dúvidas, críticas, sugestões ou pedidos de esclarecimento



**RICARDO NUNES**  
JORNALISTA E PROFESSOR

### NOTA BIOGRÁFICA

Jornalista e professor. Duas faces da moeda profissional de Ricardo Nunes que desde a primeira experiência na Rádio Azul em Setúbal, não mais ficaria afastado dos estúdios e microfones, da formação e da comunicação. Licenciado, mestre e doutor em Ciências da Comunicação, é docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Nasceu em Setúbal em 1969.

Contactos do Provedor:  
ricardo.melo.nunes@gmail.com

## PandeMedia

**NÃO FOI PRECISO** esperar muito tempo para que os primeiros efeitos secundários da pandemia se fizessem notar, expondo impactos brutais em parte do sector e, simultaneamente, abrindo perspectivas de desenvolvimento. O lockdown, a que cerca de um quarto da população mundial está sujeita, torna evidentes as fragilidades da ordem económica internacional e, em particular, o forte impacto no consumo de produtos de media. A disrupção, de uma magnitude sem precedentes, é analisada pelo Observatório da Comunicação no documento “Impacto do Coronavírus e da crise pandémica no sistema mediático português e global” (Abril, 2020).

De entre vários aspetos, a aceleração exponencial das mudanças estruturais coloca em perspetiva um ecossistema que evidencia bloqueios, abrandamentos mas também aceleração na dieta de media. A rápida imposição do confinamento trouxe, de imediato, uma alteração de paradigma – o mindset de consumo out-of-home e in-home. E, tendo por base esta premissa, as alterações foram bruscas: mais televisão, reforçando a sua

centralidade; abrandamento na rádio, alterando-se os modos e picos de escuta; queda abrupta no cinema, dado o encerramento de grande número de salas; quebra na publicidade outdoor, registando-se um reforço desta na televisão e no digital. O estudo sublinha dois aspetos particularmente importantes, e que devem merecer aturada reflexão: a “crise laboral e existencial no jornalismo” e o impacto ao nível da imprensa, e em particular da regional. O lay-off foi acionado em títulos como TSF, Diário de Notícias, Jornal de Notícias e Jogo (Global Media Group) e A Bola, fragilizando um sector que mal se tinha recomposto da crise de 2008.

E depois desta hecatombe, da qual não se vislumbra nenhum futuro próximo, o que pode esperar o mercado da imprensa escrita? De acordo com o relatório citado, “A diminuição da procura do formato físico, em função do aumento da procura por notícias no formato online que melhor responde às características de um fenómeno dinâmico, como é o do coronavírus, ditará uma agudização do formato tradicional”. Há, pois, a expectativa de que a tendência se baseie no ajustamento

e diminuição das tiragens, “numa escala sem precedentes na pós-crise”. Razão pela qual se preconiza, e face a dias mais cinzentos, que seja feito um “acompanhamento prolongado e específico de forma a preservar o valor do jornalismo de proximidade”.

No que à internet diz respeito, e por força das características ajustadas ao isolamento social e facilidade de contacto virtual, emergem os monopólios de indexação (Google) e da sociabilidade (Facebook). Quer no atual momento em que todos nos encontramos, literalmente, no olho do furacão, quer na recessão económica que se instala, as múltiplas plataformas digitais, afirmam-se pela sua gigantesca dimensão e carácter planetário. Configura-se, deste modo, um desajustamento no mercado e erguem-se necessárias cautelas quando à vantagem competitividade e posicionamento internacional: “Corremos o sério risco de todo o investimento público feito na sequência desta crise ser maximizado não pelos atores e setores a que se destina, mas sim pelos grandes players que distribuem os conteúdos, os indexam e lucram com a sociabilidade inerente”. ■

CASA  
ERMELINDA  
EST. FREITAS 1920

1920

100

2020

A N O S  
Y E A R S

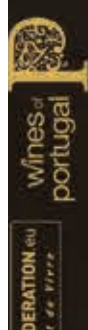
VINHAS & VINHOS  
VINES & WINES  
PORTUGAL

DAS MELHORES UVAS NASCEM OS MELHORES VINHOS.

FROM THE FINEST GRAPES COMES THE FINEST WINES.



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.



PUBLICIDADE